O ARTISTA

ASSIGNATURA
Por mez. . . . . 500 Rs.

PUBLICA-SE
Regularmente aos Domingos

ORGÃO LITTERARIO, INDUSTRIOSO E ARTISTICO
DA PROVINCIA DE SANTA CATHARINA

Anno I — Desterro — Domingo 16 de Fevereiro de 1879 — N. 13

O ARTISTA

As artes

III

Já demonstrei que a celebridade é arvore que se dá em qualquer terreno.

Agora vou mostrar que os pretensos nobres, bem como os proprios principes tiram sua origem dos pequeninos plebeus e dos despresados artifices e operarios.

Vou mostrar que, para confusão da enfunada fidalguia, foi um mesquinho quem legou-lhe a tam nomeada prerogativa!

Mas, ingratos! só fallais nos mais proximos ascendentes; só nomeaes o doutor Fuão, o dezembargador Bertrão, o conselheiro Sicrano, o barão de tal &; fugis dos obreiros como si leprosos foram, esquecendo que operario foi aquelle de quem herdastes a nobreza!

Filho de um sapateiro era o ateniense Isicrates, que venceu os lacedemonios, resistiu ao famoso Epaminondas e foi escolhido por Artarxerxes, rei da Persia para general contra os egypcios.

Quem foi o celebre Eumenes, esse abalisado capitão, celebrado por Plutarco e outros graves escriptores? Filho de um carreteiro. Quem foi o successor de Alexandre Magno no reino do Egypto e na Syria, legando o seu nome aos reis do Egypto? Foi Ptolomeu, filho de um pobre homem chamado Lago. Filho de um oleiro foi Agatodes, que se fez rei da Sicilia, o terror do carthaginezes. Quem foi o grande portuguez Viriato? Filho de um pastor. Filho de um lavrador era Primislão III, rei da Bohemia.

Pastor foi Tullio Hostillio; Servio Tullio filho de uma escrava.

Quem foi o consul Terencio Varro? Filho de um carniceiro. Quem foi o dictador Lucio, sete vezes consul, que triumphou por duas vezes? Filho de um carpinteiro! Filho de um hortelão foi Probo. Filho de um ferreiro foi Maximino, imperador de Roma. Filhos de paes humildes foram Elio Pertinaz e Diocleciano. Vespaziano tambem, teve baixa estirpe. E quem foi Bonoso? Filho de um mestre-escola.

Longo fôra enumerar tantos outros de humilde condicção que chegaram a principados.

Em summa, a chamada *nobreza* vem toda dos pequeninos.

Pergunto agora!—

O que é mais honroso? Deparar no berço com o ouro da nobreza, ou buscal-o na mina do trabalho? Calcar flores em busca da infamia, ou pisar seixos e abrolhos em conquista da gloria? Descer da excelsa montanha das honras ao profundo abysmo da torpeza, ou subir do valle da humilhação ao monte do triumpho?

Como?! Vós, que deixaes uma casaca depois de oito dias; vós, que tanto gostais de novidades; vòs, que tanto prezais a moda, como vos aferrais á tam velha fidalguia? E a uma fidalguia que tem sua raiz no plebeismo?!...

Como?!... Preferis a nobreza sepultada e coberta de vermes á nobreza recem-nascida?!...

Dizia Mario que mais honroso é haver conquistado a nobreza, do que haver corrompido a nobreza legada pelos avós.

« Quod ex aliena virtute sibi arrogant, id mihi ex mea non concedunt: siclicet quia imagines non habeo, et quia mihi nova nobilitas est: *quam certe peperisse melius est*, quam *acceptam corrupisse*,»

(Vide Sallustio.)

Coragem, pois, obreiros e artistas!

Trabalhai, que sereis grandes!

Cultive cada um com perseverança o proprio terreno, que ha de conquistar a verdadeira gloria!

Sabei que a nobreza não consiste em

FOLHETIM

O FILHO DO PESCADOR

ROMANCE

ORIGINAL BRASILEIRO

POR

A. G. TEIXEIRA E SOUZA

CAPITULO III

VIVAM OS NOIVOS!

Um dos da companhia bate as palmas, e pede attenção.

Silencio, meus senhores, silencio...
Cio...cio.... silencio....
Silencio....
Oh!....
Silencio....

Tudo está calado.
Mas não o senhor.

—Silencio, meus senhores....—

Ouve um momento de silencio, e logo uma voz dice:

—A' sou poeta d' agua doce, então até quando quer que estejamos calados?—

Entre o estrondo de longas risadas alguem dice:

—Ora, meus senhores, silencio por um momento...

—Ah! gosta de versos, minha senhora?

—Muito.

—Então caluda, a senhora D. Julia gosta muito de versos.

—Sinto não ser poeta, minha senhora..

—E para que?

Para cantal-la em um lindo epicedio...

Dous da companhia sorrião-se, quatro ou seis tiverão um froxo de riso, e o nosso pedante, mais espantado lhes diz:

—Porque riem? dice eu alguma cousa má? fazem obzequio de dizerem?

—Não: muito pelo contrario; é tão bom o que diceste que nos obrigou a rir...

—Mas os senhores fazem-me desconfiar.

—Bravo, bravo; desconfiou, desconfiou—

Hoje dir-se-hia mais elegantemente » deo o cavaco. »

—Ora adeos; mais os senhores rim, e quem não me entendeu supporá que eu dice alguma asneira.

—Ora Juca, não te zangues (dice Augusto).

Então a decima?

—Ah! sim, a decima, a decima....

MOTE.

Dos noivos bebô á saude.

GLOZA

Em quanto, sobre esta mesa,
Esta bella companhia
Desfructa com alegria
Prazeres da natureza;

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

construir palacios, ostentar galas, arrastar sedas e purpuras, derramar licores e manjares à custa dos suores, das lagrimas e do sangue dos pequenos, de quem tomaram a fidalguia, olhando indifferentemente para a indigencia, mandando arrojar, de vez em quando, aos pés do mendigo um desprezado vintem!

Sabei que vil e baixa é a vareza, bem como a soberba, a inveja, a gula. a vaidade: que só é verdadeiramente grande e nobre a virtude, e tanto mais sublime quanto mais humilde fôr a condicção do individuo, ao passo que mais vil, mais abjecto, mais torpe se torna o vicio, quanto mais elevada é a posição social, como bem o disse o romano satyrico.

« Omne animi vitium tanto conspectius in se Crimen habet, quanto major, qui peccat habetur. »

(Juv. sat. 8.)

Trabalhai, pois, trabalhai!

Tende vontade, que, certo, vencereis: pois querer é poder.

S. José 26-1-79

W. Bueno.

LITTERATURA

União do silencio

Por A. M. D.

(Continuação do n. 12)

Saibamos agora o que é esta caverna.

Era a habitação da União do Silencio, assim chamada porque nella só se fallava por signaes e caracteres só entendidos pelos Irm.·.

A União do silencio era o refugio dos criminosos escapos das prisões da Inglaterra dos desertores, dos scravos fugidos, enfim da mais réle canalha dos homens.

Esta União cresceu rapidamente com o correr dos tempos e espalhou-se por quasi toda a Inglaterra a ponto de crearem estação nasmais embrenhadas mattas das montanhas, de distancia a distancia.

O moço que roubára a filha do velho arabe, era o sub-chefe desta União.

A moça entrou na caverna acompanhada pelos mesmos que até ahi não a havião deixado.

Era horrenda esta furna de malfeitores!

De vez em quando se ouvião urros semelhantes aos dos animaes, era o signal da chegada de algum Irm.·.

Comtudo ahi permanecerão até o dia seguinte pela manhã, que então tiverão ordem de entrar á presença do chefe.

Attravessarão silenciosos este palco funereo e depois forão dar à *porta-magna* i, é, à salla onde estava o *Chefe Supremo.*

Era outro palco que rivalisava com o que já dissemos.

No meio duma espaçosa salla allumiada por umas escassas candeias, estava collocado o *solio maior* assento do *Chefe Supremo.*

A moça entrou com sua guarda quadrivira.

O chefe supremo levantou-se e bateu com o sceptro no ultimo degrau do throno: signal de cortezia entre os maiores da União.

No primeiro degrau do throno, estava um escudo que elle levantou e apresentou ao sub-chefe: signal de perguntar.

—Que fazes com esta pessoa?

O sub-chefe tocou na testa e no peito: resposta: E' minha amante!

O chefe supr.·. fechou os olhos: signal: passe.

O sub-chefe passou por traz do solio e foi dar a uma salla, residencia das mulheres dos Irm.·.

Elle ordenou a joven captiva que entrasse, no que foi promptamente obdecido.

Depois de ter deixado a mocinha entregue aos disvellos de suas companheiras o sub-chefe veio para a salla da *porta magna.*

Ahi elle disse: Chefe Supremo de tão poderosa União, cujos filhos tem-se espalhado, qual aguia da Russia, por toda a extenção do reino Inglez.

Continúa

O Naufragio

POR J. PRATES.

(Continuação do n. 12)

Derepente.... Oh! fatalidade!.. ferraram-se a maior parte das vellas ficando o navio quasi em arvore secca.

Comprehendi logo aquella mudança, a embarcação preparava-se para lutar contra uma procellosa tempestade, que grossas e negras nuvens no oriente anunciavão.

O dia escureceu,o vento redobrou sua furia, as ondas cresceram espantosamente, a chuva começava a cahir, emfim a tempestade tinha chegado.

O navio a principio levado pela furia do vento, não corria; voava; mas as ondas, como mandados pelo implacavel Neptuno lançavão-se tão desesperadas sobre a embarcação, que conseguirão captival-a.

Aquelle navio, que ha pouco tão altaneiro sulcava as ondas, agora estava feito ludibrio dellas.

Depois de ter por muito tempo vagado sem governo, á vondade do vento e do mar, afundou-se, deixando os seus desgraçados tripolantes d'entro de uma fragil lancha, que era horrivelmente saccudida pelas ondas.

MOTTE.

Dos noivos bebo á saude

GLOZA

Em quanto, sobre esta mesa
Esta bella companhia
Desfructa com alegria
Prazeres da natureza;
Em quanto a gentil belleza
Conquista aqui peito rude;
Eu, empinando um almude
De vinho bem generoso,
Contente, alegre e gostoso
Dos noivos bebo á saude.

—Bravo, bravo... viva o Thomaz...
—A' saude do Thomaz.
—Senhor Thomaz, viva.
—Mui obrigado, minha senhora.
—Agora lá vou eu; queirão ouvir-me.
(Dice um alegre maganão de bom gosto).
—Está bebado.
—Lá vae verso....
—Venhão, venhão elles.
—Lá vae verso.
—Peior está esta!
—Aquillo é bebedeira.

MOTTE

Dos noivos bebo... á saude.

GLOZA.

—Goloso será elle....
—Em quanto certo poeta....
(Não sei si já lhes contei?)
Faz versos... tambem farei
A minha decima pateta....
—Agora umzinho mais curto.
—Fóra o poeta.
—Oução, meus senhores oução; o negocio é serio.
—Sim, sim, acabe.
—O que está dito, está dito, eu continúo.
—Vamos a isso.
—Em quanto cada um se affecta...
—O' homem, esse tambem nasceu nos dias grandes.
—E' verso, e companhia....
—Ora deixe-me acabar.
—E' justo, deixem o senhor acabar.

Todavia, o bom do poeta continuou assim

Enxugando o seu almude,
Entre esta canalha rude
Composta de beberrões,
Eu cá com os meus botões
Dos noivos bebo a saude.

—Bravo, Sr. Julião, bravo.
—Muito bem, muito bem.
—O' Sr. Julião, visto que tambem faz versos, e se diz geralmente que os poetas não se descuidão de beber; como acontece que o ar do campo desafia muito o appetite, será bom que Vm. quando vier a alguma sucia fóra da cidade seja sò...
—Como assim?
—Quero dizer que não traga outra vez os seus botões, que bebem por doze bebados...

Continúa

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

O vento trazia á meus ouvidos os gritos d'esses infelizes, pedindo soccorro.

∴

Oh! necessidade! por tua causa é que o homem soffre tantas desgraças, por tua causa é que elle atira-se por este mundo de Deus para buscar o sustento.

Se tu não tivesseis, um poder tamanho sobre o homem, elle não se sugeitaria á tantos trabalhos, á tantas agonias, como aquelles desgraçados que alli estão feitos ludibrios das ondas.

∴

A desgraça ainda não tinha cessado de os perseguir.

Já estavão perto de terra, aquelles semblantes queimados pelo sol do equador davão algumas mostras de alegria; eis que surge uma onda, mugindo como um demonio, e os traga para sempre.

∴

Os gritos que os desditosos marinheiros n'esta occasião soltaram, trespassava de dôr o coração das proprias feras; foi o ultimo adeus que disserão, por entre as ancias da morte, ao mundo,

∴

Sahi d'este lugar fatal que me tinha servido de theatro para ver o drama mais triste que é dado imaginar-se e fui silencioso, cabisbaixo, para minha casa.

J P

POESIAS

Soneto

(traduzido do poeta francez Alexis Piron).

Foi-se-me a crença n'um passado vario,
Inda flor em botão minh' alma pura! .
Longe de Deus, entregue a vida impura
Ousei fazer-me athêo no santuario...

Meu delicto foi tal que no sacrario,
Em que brilha a celeste formosura,
Não via Christo, não! tanto era escura
A tôrva mente do feroz sicario....

Minh'alma em nuvens de remorso envolta
A Deus se altêa arrependida, e chora
Rios de pranto e dor, que onda revolta

Traga e confunde, como a doce aurora
Yrian de amor, de luz, perfume solta
Rasgando a treva que inda o mundo ir-
(róra.

Santa Catharina- 29 de Janeiro de 1820

J. P. B. da Fontoura.

A SECCA DO NORTE

POEMETO

POR

HORACIO NUNES

II

Perdão Senhôr, perdão!—Si grande foi a culpa,
—tremenda, enorme e atroz tem sido a punição....
—Sois Grande!—Ao peccadôr, que implora-vos, de rastos,
perdão;—Senhôr; perdão!

Á Vós, que Sois o Pai dos pobres desvalidos,
á Vós, que os-Protegeis co'a vossa Eterna Luz,
veem elles, a chorar, de fome e sêde mortos,
pedir-vos compaixão — por vossa Sancta Cruz!

Olhai: que funda dôr, que magoa esmagadôra,
que lagrymas de fél, que pallidez mortal,
trazem na face, em dó, sem fôrças, moribundas,
as victimas do mal!

Olhai: vêde -os passar; cobertos de farrapos,
com fome, e sem ter pão, com sêde, e sem beber....
aqui, ali, além, prostrados, semi-mortos,
sem forças, a morrer!

Pendida a fronte, aqui, nas mãos magras e fracas,
parado e tôrvo o olhar das ancias e da dôr,
soluça a pobre mãe, que morre, e péde a vida
p' ra os filhos amparar..... seus filhos! seu amôr!

Pallida a face, alli, chorôsa e sem confôrto,
sobre o cadaver; só, do estremecido pai,
ancia a filha, e a dôr enorme, que a devôra,
mata-lhe o extremo —ai!—

Nó mundo horripilante da pavida pobreza
não corre o sangue.... ai! não!.... requeima o gêlo atroz,
que rouba a crença e a fé, que esfólha as esperanças,
matando a força e o amôr, das orações a voz!.....

Continúa

A Lua e as Estrellas

Fabula original, offerecida ao illustre artista catharinense, o sr. Alexandre Margarida.

A Lua

Estrellas, vassallas minhas,
Vinde, vinde, acompanhai-me;
Humildemente adorai-me,
Que vossa rainha sou.

As Estrellas

Que demencia, ò baixa lua,
A razão tornou-te escura?
Extraordinaria loucura...
(Ai!) de ti se apoderou!

Estulta, os excelsos pincaros
Queres galgar da arrogancia?
Não vês que pela distancia
Temos mais alto lugar?

Não fiques lá toda inchada
Pelas canções dos poetas;
Q'os aluados patetas
As cousas tomam no ar!

Aos olhos só da materia
Pareces, louca, rainha;
Fica sabendo, ó mesquinha,
Que somos todos eguaes.

Tu brilhas mais para a terra,
Nós mais para o céo brilhamos;
Feito o equilibrio, vejamos
Quem é que de nós é mais!

MORALIDADE

Aprendei q'o mundo inteiro
Nos préga a lei da egualdade;
Que só vêm desigualdade
Os olhos das vis paixões!

Presente o sol— mar de luzes;
Ausente o sol— trevas densas;
Pendem, pois, as disfêrenças
De taes ou quaes condições.

W. Bueno.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

INGRATA

Amei-te ó seductôra
Como se pode amar
Fui-te firme e até hoje
Eu soube te venerar !

Mas....ah ! Tu me deixastes !
Não é que tenhas razão !
Bem podia me esquivar
De tua atróz traição !

Mas...eu por minha innocencia
Nunca julguei ó mulher,
Que com teus cantos divinos
Te tornasseis tão cruel !

Eis, porque hoje digo,
(Com razão, posso dizer-te)
Não te amo mas, ingrata,
Não quero tornar á ver-te !

Isto, já serve de exemplo
Para quem dores soffreu !
Minhas fallas de amores
Ella em dores converteu!

Deixa o que foi teu amante
Elle bem pouco s'importa
Mas,..vê que não aconteça
Que batas á minha porta.

Calo-me . . . . nada te digo,
Nem, nada, deverei dizer-te,
Es' moça sabes o que fazes;
Não aconteça arrepender-te !

Fostes cruel, trahidôra,
Tudo que quizestes ser !
Fui criminoso em t'amar,
Imprudente em te querer !

Emfim é o que te digo,
E o que te posso dizer
Não quero mais teu amor
Nem quero tua sombra ver.

J. T. Cavalheiro.

A PEDIDOS

Primo Bazilio

Tóca, Favereiro de 1879

Vou felicital-o pelo contentamento de que se acha possuido seu sobrinho Simão, por ter sido julgado improcedente o processo em que elle se achava involvido pelos motivos que lhe não são, estranhos!

E assim devia acontecer visto como, não encontrando o juiz processante segura base para o cumprimento da lei e nem indicios que viessem esclarecer a verdade dos factos nenhuma censura póde recahir n' aquelle cuja norma de conducta tem sido pautado pela imparcialidade de suas decisões.

Se por um lado meu amigo, seu sobrinho deve orgulhar-se de haver possuido um «thezouro» empregando para esse fim todos os elementos necessarios para que a presa, não lhe escapasse ás garras da maledicencia, por outro, a *moralidade publica* encontrando-se com a victima que acabava de escapar o ultimo sacrificio nos [illegible] pergntou-lhe:

—Porque não viestes em auxilio da quelles que precisão da tua protecção?

Porque não concorrestes com tuas luzes para que se dissipasse nas trevas o mysterio que se achava envolvido com o manto da perversidade?

Enfim meu amigo, seu sobrinho disfructa actualmeute da *tranquillidade de espirito* pelo *triumpho* que obteve.

Não lhe invejo a sorte!

—Vou enviar o seu pedido a authoridade competente para o abuso que praticão diariamente na praia de fóra e em pleno dia algumas criancinhas de 16 a 20 annos e que se dizem *filhos-familas* (!)

As familias, moradoras na quelle logar veêm-se obrigadas á sahir das janellas para não presenciarem aquelles *innocentes meninos* no estado em que veio Adão ao mundo.

Veremos meu amigo, o effeito que póde produzir a sua observação.

Deixo de satisfazer o seu pedido da agoa de Lourdes, pois, me persuadia que essa *droga* era preparada em alguma pharmacia.

Informarão-me que esse preservativo contra as molestias contagiosas, era importado da Cidade Santa; e que umas piedosas *creaturas* de origem ultramontana residentes nos bosques..... são as unicas que possuem tão maravilhosa descuberta.

Se podér conseguir (como espero) uma gôta da indicada agôa, lh' a remetterei, prevenindo ao meu amigo desde já que deve enviar-me uma autorisação para em seu logar baixar ao confessionario, condicção esta imposta ao *cura* da freguezia á aquelles que desejão participar da sua milagrosa virtude.

Pense, e mande suas ordens.

—Logo que me fôr permittido, fallarei, com o proprietario do edificio embargado pela municipalidade, e que faz frente a rua da Trindade, para que faça cessar as motinações que fazem as suas inquilinas dulcineas, em prejuizo das pessoas honestas que residem nas circumvisinhanças.

Athé breve.

seu primo

Eugenio

P. S.—Devemo-nos regosijar com a nossa edilidade, pelo expediente que tomou, nomeando uma commissão de dous membros para examinar o lastimoso estado em que se acha o Edificio do Mercado.

Enviemos nossos rogos ao Altissimos, para que de uma tal medida, resulte os beneficios desejados.

Vale.

Illm. Snr. Redactor

O autographo de alguns artigos de fundo deste periodico, taes como as 3 grandes invenções; a Lovoura e o Lavrador; a architectura a musica &, pede aos *Zoilos* e aos *Aristarchos* que quando criticarem seus artigos, apresentem semgares em que os mesmos artigos contem copias de outros.

Parece que mais depressa se encontra um zoila do que um Aristarcho, nesta provincia onde todos tem gosto ás lettras é verdade mas poucos escrevem com perfeição rhetorica.

Talvez muitos dos srs. que criticão esses artigos, sejão diffamadores ou *poetasinhos* que nada entendem da arte da rhetorica, e que tomão por modelo de suas composições artigos dos mais abalisados escriptores brasileiros.

O autographo esperando pois conhecer esses-criticos-, deseja que critiquem seus artigos não na auzencia mas sim na presença afim de saber para que lado pende a balança da justiça.

Isto, não é uma offença *aos grandes litteratos* nem os Zoilos diffamadores, é uma simples declaração que o autographo faz afim de pedir a esses *-criticos-* que apreciem os erros na sua presença.

Ao mesmo tempo declaro que *nenhum* artigo é copiado de outros escriptores, pois que não costuma vangloriar-se com eloquencia alheia.

Se alguns termos, tem sido escriptos taes quaes existem nas historias universaes, &, não é culpa delle ou do typographo mas sim do—acaso.—

Confiando o autographo na balança da justiça.

de seus criticos,

E. R. M.

J. F. Paes

Expediente

Jornaes

Agradecemos ás respectivas redacções a remessa dos seguintes Jornaes:

Despertador, Regeneração, Conservador, Echo do Paraná, Ideia, Saudade e o Povo.

ANNUNCIOS

Passeios pelo mundo as avessas" poema satyrico pelo Illmo. Sr Wencesião Bueno de Govêa, morador da Cidade de S. José —

O producto liquido será distribuido por algumas Victimas da secca do Ceará que residem na Colonia Nacional Angelina,

Assigna-se nesta Typographia

Preço do exemplar. . . . . 2$000

AULA NOCTURNA

DE

DEZENHO

Acha-se aberto este estabelecimento todos os dias uteis das 6 ás 9 horas da noite e das 3 as 6 da tarde.

Manoel Francisco das Oliveiras

Typ. Lith. de Alex. Margarida

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Errata

Pag.	Linh.	Erros	Emendas
3	14	resultou,	resultou
«	15	fogo;	fogo
5	13	adoptado	adaptado
7	4	o preso	ou preso
«	7	amando	amando
«	17	duque;	duque,
«	29	era este:	era este.
8	4	inportunarão	importunavão
«	10	roubou	rolou
«	20	repartimos	repartiram
«	30	trabalharam	trabalhavão
11	27	lião	leão
12	27	serio	seria
17	29	sobre, isto	sobre isto
18	20	estimara	estimava
«	25	conservou	conversou
«	30	pagar	apagar
19	17	parallelogramma	parallelogrammo
20	3	derepente	de repente
26	16	cortai	cortais
27	9	elles	lhes
«	11	levam	leram
«	30	aos significados	aos dois significados
28	13	chegou: *pede Claudio*	chegou, *pede claudo*
30	23 e 25	phrases	phases
31	33	queremos	não queremos
32	13	o provar	e provar
«	14	Edipo	nem Edipo

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina